

## Regionalismo e universalismo nas cartas de leitores de *Sagarana* a Guimarães Rosa

Profa. Dra. Maria do Rosário Abreu e Sousa<sup>i</sup> (UNAERP)

### **Resumo:**

Este artigo discute quatro cartas de leitores – arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) – que comentam impressões de leitura sobre o livro de estreia de Guimarães Rosa, *Sagarana*, lançado em 4 de abril de 1946, e enviadas diretamente ao escritor. Com pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Discurso Epistolar, a análise das cartas lidas na contraluz da crítica literária publicada em periódicos do ano de 1946, mostra que a discussão acerca da dialética regionalismo/universalismo ultrapassa as fronteiras da crítica, projetando-se no contexto epistolar, o que aponta para a importância da crítica literária como mediadora da leitura.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa, *Sagarana*, carta de leitor a escritor, regionalismo, universalismo

Dentre as vertentes dos estudos literários articuladas com a recepção, inscreve-se a história da leitura, que se constitui como disciplina através da articulação de diferentes áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a história, a filosofia e a teoria literária entre outros.

Nesse sentido, a partir da premissa de que a leitura como prática simultaneamente social e individual tem uma história, Darnton (2010, p.168-201) elenca e reflete sobre alguns caminhos percorridos pelos pesquisadores com a finalidade de recuperar essa história.

Mas onde encontrar relatos de leituras?

O primeiro caminho seria procurá-los nos arquivos onde se pode encontrar os mais variados documentos que vão desde correspondências, recortes de jornais e revistas, diários até processos judiciais relatando modos e práticas de leitura não apenas de intelectuais, escritores, artistas e políticos, mas também de leitores comuns Darnton (2010, p.169).

Tais são os casos de *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores* (SILVA, 2009), *O rumor das cartas, um estudo sobre a recepção de Jorge Amado* (SILVA, 2006), e *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido* (DEBUS, 2004) que se debruçaram sobre cartas de leitores endereçadas diretamente a Monteiro Lobato, Pedro Bandeira, Ana Maria Machado e Jorge Amado. As correspondências fazem parte dos arquivos do Centro de documentação Alexandre Eulálio (CEDAE/UNICAMP), da Fundação Casa de Jorge Amado, e do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).

Nesse sentido a correspondência, principalmente a de escritores, guarda registros preciosos acerca da leitura: o quê, quando, onde e como se lia.

O Fundo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Universidade de São Paulo (USP) é composto por documentos que incluem desde um trabalho escolar feito por alunos do terceiro ano do ensino médio de uma cidade do interior paulista sobre *Primeiras Estórias*, ou o texto completo de um programa

radiofônico sobre *O vaqueiro Mariano*, até recortes de jornais e revistas com críticas de sua obra.

Na correspondência ativa e passiva do escritor estão catalogadas cartas sobre a recepção de toda a sua obra literária publicada até o ano de sua morte, 1967. Sobre a recepção de *Sagarana*, seu livro de estreia, há oitenta e nove cartas e telegramas de leitores.

O período coberto pela correspondência sobre a recepção de *Sagarana* é de 31 anos, e vai desde a publicação do livro em 1946, até o ano da morte do escritor em 1967, o que demonstra um contínuo interesse tanto do público pela obra, como do autor pelas impressões de leitura desse público, principalmente ao levar-se em conta que a obra prima do escritor não é *Sagarana*, mas o *Grande Sertão: veredas*.

A distribuição das cartas por ano é a seguinte:

**Tabela 1.** Distribuição das cartas por mês e ano

1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1963	1966	1967
45	06	03	01	01	05	07	02	02	02	01	01	02	01	04

**Fonte.** Elaborada pela autora.

Mais da metade das cartas, quarenta e cinco, são datadas de 1946, ano da publicação de *Sagarana*. Isso confere a esses relatos de leitura o sabor de comida recém saída do forno, o que de maneira alguma desqualifica as demais cartas, pois elas contam outros capítulos da recepção da obra, além de continuar atualizando sua leitura. É da década de 1950 por exemplo, uma carta (Cx4cp67) que sonda a possibilidade de o texto rosiano ser traduzido para a língua espanhola, e um telegrama (Cx4cp55) do produtor/diretor de cinema Franco Zampari lembrando Rosa de seu interesse em filmar *Sagarana*. Da década de 1960, é carta (Cx4cp77) de Vasco Leitão da Cunha, parabenizando o autor por uma crítica de *Sagarana* no prestigiado *The York Times*, e a carta do cineasta Gerson Tavares (Cx4cp77), que, apaixonado por um conto de *Sagarana*, quer filmá-lo a qualquer custo.

Observe-se também que a diminuição do número de cartas relativas a 1958, 1962, 1964 e 1966, coincidem com a publicação respectivamente de *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: veredas* em 1956 e *Primeiras Estórias* em 1962, que deslocaram a atenção do leitor para essas obras, diminuindo portanto os relatos de leitura de *Sagarana*.

A análise da correspondência sobre a recepção de *Sagarana* comporta vários recortes. Na tabela a seguir apresentada elencam-se temas recorrentes na correspondência, observando-se que os mesmos podem entrelaçar-se em uma mesma carta.

**Tabela.** Temas

---

Temas
1. Crítica literária
2. Releituras
3. Dialogismo com literatura
4. Memórias
5. Leitura filosófico/metafísica
6. Identidade do escritor
7. Dialogismo com música, pintura e cinema
8. Relatos de leituras de terceiros
9. Linguagem/estilo
10. Escolha dos melhores contos
11. Verossimilhança
12. Brasil desconhecido
13. Língua brasileira e língua portuguesa
14. Regionalismo e universalismo

---

**Fonte.** Elaborada pela autora.

Observa-se portanto que a o tema regionalismo /universalismo aparece em quatro cartas Cx4cp 27, 38, 41, 47.

Datada de 1º de julho de 1946, originária de Londres, a remetente é uma mulher que afirma ser o aspecto psicológico dos personagens aquilo que mais lhe agradou e como paradigma de leitura cita dois personagens de obras da literatura universal: Dom Quixote, de Cervantes e Iago, de Shakespeare. Para a leitora, o regionalismo de *Sagarana* reside apenas no espaço, no cenário brasileiro ao qual ela atribui um peso menor. Contudo, ao citar os contos “São Marcos” cuja riqueza descritiva transforma o espaço quase que em personagem principal, a leitora permite que aflore uma outra voz contrária àquela, que valoriza o regional. O outro conto citado é “Corpo Fechado”, cujo denominador comum com “São Marcos”, apontado pela própria leitora, é a temática afro-brasileira, também um traço marcante da cultura nacional que ela parece querer esquecer ou desvalorizar. Aqui parece projetar-se na escrita a questão identitária: o brasileiro refém do eurocentrismo representado pelo universalismo de *Sagarana*, que, todavia se esteia no regionalismo.

O que me encanta principalmente no livro é a penetração psicológica na apresentação dos personagens. Você difere dos outros escritores porque só a sua paisagem é que é regional – os tipos pertencem à universalidade da condição humana. Você descobriu um Dom Quixote em Nhô Augusto, um Iago sem veneno em Lalino Salathiel, e depois de São Marcos e Corpo Fechado ninguém poderá escrever sobre macumba sem temer a sombra desses dois “clássicos” da literatura brasileira. [...]. Meu caro Rosa, se a opinião modesta desta tua amiga vale alguma coisa, você pode se considerar o maior escritor brasileiro

vivo – que não pretendo desenterrar os mortos, pois esses, depois de oito anos no estrangeiro e de tomar muito chá inglês todos os dias, não passam de um vago background em minha memória, devo confessar com vergonha (Cx4cp27).

Originária do Rio de Janeiro 14 de outubro de 1946, em papel timbrado do hotel Quitandinha e remetente desconhecido, a segunda carta a tratar do tema reflete sobre a maneira como Franklin (possivelmente o crítico Franklin de Oliveira) parece querer camuflar ou até mesmo apagar o regionalismo de *Sagarana*, desta vez atribuindo um peso maior não aos aspectos psicológicos das personagens, como na carta precedente, mas à prosa-poesia rosiana. Isso parece apontar para o grau de esgotamento a que chegara o regionalismo.

O Franklin tem escrito bons Sete Dias, com umas transcrições bonitas de *Sagarana*. O livro dele saiu e está vendendo muito. Não mandamos pelo Manzon porque não houve tempo. Ele pretende fazer uma página inteira sobre *Sagarana*. Como você sabe, o Franklin é inteiramente do lado da poesia e às vezes quer tirar a roupagem regionalista de muita coisa que acha maravilhosa no seu livro, mas diz a todo momento que você é um “grande sujeito” (Cx4 cp41).

Também do sexo feminino é a remetente da carta datada de Bruxelas, 28 de março de 1947. Em comum com a primeira carta discutida (Cx4cp27), o fato de o drama psicológico dos personagens dar o tom universalizante à obra ao passo que o regionalismo seria representado apenas pela paisagem mineira. Já em comum com a segunda carta (Cx4cp41), dois aspectos. O primeiro é a força da prosa-poesia rosiana que parece sobrepujar os demais componentes da narrativa. O segundo, a tentativa de camuflar o regionalismo da obra. Uma vez mais a exaustão a que chegara o regionalismo aparece com o substantivo “desconfiança” escolhido pela leitora para exprimir sua predisposição diante da leitura do livro.

Comecei “*Sagarana*” com a desconfiança que V. me conhece suficientemente por tudo o que é regional. Mas a poesia do livro me conquistou imediatamente. [...] Mas, em síntese, o que me ficou foi uma impressão de força e poesia. Mas, V. vai aos seres humanos que em seus livros nada têm de “locais” e são tipos “universais”, por intermédio da paisagem, do clima humano que os cerca, dos animais que com eles vivem, das flores, das árvores que a seu lado crescem; E é esta espécie de crosta peculiaríssima com que V. cerca seu drama, que dá a seu livro uma aparência de regionalismo, quando ele é perfeitamente universal (Cx4cp47).

Contudo, o peso negativo atribuído ao regionalismo pela leitora, parece desfazer-se ao relatar que “Nelson [...] já me escreveu não sei quantas cartas me falando de *Sagarana* que quase desconfio que sente nostalgia da terra quando lê o seu livro” (Cx4cp47).

Ainda em relação à maneira como a remetente aborda a oposição regionalismo/universalismo é interessante observar que ao dizer que o livro aparenta ser regionalista embora seja universal, a leitora antecipa em três décadas a obra que seria o divisor de águas da fortuna crítica rosiana: *As formas do falso* (GALVÃO, 1972). Tese de doutorado posteriormente publicada, que revelou talvez a característica mais marcante a perpassar toda a obra rosiana: a ambiguidade. “Nas linhas mais gerais tem-se o conto no meio do romance, assim como o diálogo dentro do monólogo, o personagem dentro do narrador, o letrado dentro do jagunço, a mulher dentro do homem, o Diabo dentro de Deus” (GALVÃO, 1972, p.10).

Também Candido (2000, p.124) ao discutir a relação entre o narrador de o *Grande Sertão: veredas* e a geografia, observou que

dobrados sobre o mapa somos capazes de identificar a maioria dos topônimos e o risco aproximado das cavalgadas. O mundo de Guimarães Rosa parece dado pela observação. Cautela, todavia. Premido pela curiosidade, o mapa se desarticula e foge. Aqui um vazio; ali uma impossível combinação de lugares; mais longe, uma rota misteriosa, nomes irrealis. E certos pontos decisivos escapam do todo. Começamos então a sentir que a flora e a topografia obedecem frequentemente a necessidades de composição [...] Aos poucos vemos surgir um universo fictício (CANDIDO, 2000, p.124).

É importante notar que já em *Sagarana* tanto na linguagem, que é e não é poesia, como observou Brito (Arq. JGR-IEB/USP R1,43) como na geografia, que é e não é verdadeira, como também observou Antonio Candido (Arq. JGR-IEB/USP R1), a ambiguidade já estava presente.

Ao mencionar o despistamento da obra regional travestida de universal a leitora parece ter percebido a ambiguidade já presente em *Sagarana* que perpassaria toda a obra rosiana. Entretanto, teve dificuldade em expressá-la, ou ainda o contexto epistolar não favoreceria o desenvolvimento do assunto. Não é sem razão, portanto, o desejo da remetente que considerava “tão melhor se pudesse conversar com você e dizer-lhe conversa adentro as coisas que me fossem ocorrendo” (Cx4cp47).

Em todo caso, o que talvez fique evidente, é o fato de que a leitora não tivesse se dado conta da magnitude de sua observação, que bem poderia incluí-la entre os leitores implícitos de *Sagarana*, concretizados em Paulo Rónai e Antonio Candido, conforme, relato do próprio escritor (GUIMARÃES ROSA apud ROSA, 1999, p.62). Mais, foi a única missivista dessa correspondência a mencionar, mesmo que indiretamente, a ambiguidade, posteriormente reconhecida como uma das características mais marcantes da obra rosiana, como já mencionado.

Datada de Londres, 16 de agosto de 1946, o remetente dessa carta parece ter tido sua leitura mediada pela crítica literária, pois comenta a um dos temas mais frequentes nas primeiras análises críticas de *Sagarana*: a dialética regionalismo/ universalismo.

Quando ouço falar no seu regionalismo francamente me dá vontade de dar pancada. Como se alguém pudesse descobrir a universalidade das coisas sem se basear naquilo que melhor conhece e que mais

oportunidade teve de observar. Como se Joyce pudesse ter escrito o *Ulisses* ou o *Finnegan's* tendo como background Paris ou (Póla?) ou Trieste ou Roma, por mais que ele tivesse vivido em Paris ou Póla, ou Trieste ou Roma (Cx4cp38).

Ao declarar que ouviu falar sobre o regionalismo de *Sagarana*, esse leitor tanto pode estar querendo dizer que leu, como também que não leu a crítica literária, mas que tão somente participou de conversas cujo tema era o regionalismo ou o universalismo de *Sagarana*.

Nesse sentido, o denominador comum entre este remetente (Cx4cp38) e a primeira carta discutida (Cx4cp27) são os paradigmas de leitura: autores estrangeiros, representantes da literatura universal. Assim, na primeira carta Cervantes e Shakespeare são comparados a Guimarães Rosa, enquanto que na missiva que agora se discute (Cx4cp38), o autor de *Sagarana* é comparado a apenas um escritor, o irlandês James Joyce (1882-1941), do qual quatro obras são citadas: *Dubliners* (1914), *Portrait of an artist* (1916), *Ulisses* (1922), *Finnegan's Wake* (1939) e a obra póstuma *Stephen Hero* (1944).

A justificativa da escolha de seu paradigma de leitura recai no fato de que a literatura brasileira não teria nenhuma obra que estivesse à altura de *Sagarana*, o que pode indicar que esse leitor pouco conhecia a literatura brasileira, ou a julgasse uma literatura menor em relação à europeia ou norte-americana. Outra possibilidade é de que o leitor talvez quisesse parecer erudito.

E não há dúvida, você é um batuta. Não posso resistir à tentação que me dá a minha amargura inexplicável, de fazer comparações; uma comparação negativa, entretanto, porque não há nada com que comparar *Sagarana*, pelo menos em nossa língua. Só posso pensar nos “*Dubliners*” que Joyce teria escrito se tivesse naquele momento a técnica que desenvolveu em “*Stephen Hero*” e que burilou no “*Portrait of an artist*”. E assim fico à espera do “*Ulisses*” brasileiro (e português for that matter). Olha que quinino não cura e eu preciso urgentemente da droga maravilhosa que você vai descobrir. Eu e muitos outros (Cx4cp38).

A segunda hipótese que justificaria a escolha de seu paradigma de leitura – a literatura brasileira seria inferior a outras literaturas – remete a questões de identidade fortemente presentes nessa carta (Cx4cp38). O remetente constrói uma metáfora em que o sentimento de inferioridade do brasileiro é uma doença, a malária (em uma clara alusão ao conto “*Vau do Sarapalha*” ambientado em uma região infestada pela doença), cujo paliativo, o quinino, é *Sagarana*. Aqui, a literatura parece capaz de desconstruir o eurocentrismo sedimentado há séculos, transmutando a inferioridade em “sentimento de superioridade e de confiança nas nossas possibilidades futuras que deu o *Sagarana*” (Cx4cp38). Observe-se que ao usar a primeira pessoa do plural, o remetente assume a persona de uma coletividade da qual ele faz parte: a parcela da população brasileira que julga a cultura nacional inferior à européia. Daí portanto a escolha de Joyce a marcar o universalismo da obra.

Três críticos, Paulo Rónai, Álvaro Lins e Antonio Candido abordaram a dialética regionalismo/universalismo, enfatizando que o universalismo de *Sagarana* nasce da transcendência do regional que se concretiza na elaboração estética do texto rosiano.

Para muitos escritores fracos o regionalismo é uma espécie de tábua de salvação pois têm a ilusão de que o armazenamento de costumes, tradições e superstições locais, o acúmulo de palavras, modismos e construções dialetais, a abundância da documentação folclórica e linguística suprem as falhas da capacidade criadora. Pelo contrário, para os autores que trazem uma mensagem humana e o talento necessário para exprimi-la o regionalismo envolve antes um obstáculo e uma limitação do que um recurso [...] em *Sagarana* J. Guimarães Rosa afronta todos esses empecilhos. Apresenta-se como um autor regionalista de uma obra cujo conteúdo universal e humano prende o leitor desde o primeiro momento (RÓNAI, 2001, p.15-16).

Mas *Sagarana* não vale apenas na medida em que nos traz um certo sabor regional, mas na medida em que constrói um certo sabor regional, isto é, em que transcende a região. A província do Sr Guimarães Rosa – no caso, Minas – é menos uma região do Brasil do que uma região da arte, com detalhes e locuções e vocabulário e geografia cosidos de maneira bastante irreal, tamanha é a concentração com que trabalha o autor [...] Por isso sustento e sustentarei mesmo que provem o meu erro que *Sagarana* não é um livro regional como os outros, porque não existe região alguma igual à sua, criada livremente pelo autor com elementos caçados analiticamente e, depois, sintetizados na ecologia belíssima de suas histórias [...] *Sagarana* nasceu universal pelo alcance e coesão da fatura. A língua parece ter atingido o ideal da expressão literária regionalista (CANDIDO, 1994, p.64; 69).

Mas o valor dessa obra provem principalmente da circunstância de não ter seu autor ficado prisioneiro do regionalismo, o que o teria conduzido ao convencional regionalismo literário, à estreita literatura de reproduções fotográficas, ao elementar caipirismo do pitoresco exterior e do simplesmente descritivo. Ele apresenta o mundo regional com um espírito universal de autor que tem a experiência da cultura altamente requintada e intelectualizada, transfigurando o material da memória com a potências criadoras e artísticas da imaginação, trabalhando com o ágil, seguro, elegante e nobre instrumento de estilo. Em *Sagarana* temos assim um regionalismo com o processo da estilização, que se coloca portanto na linha do que, a meu ver, deveria ser o ideal da literatura brasileira na feição regionalista: a temática nacional numa expressão universal, o mundo ainda bárbaro e informe do interior valorizado por uma técnica aristocrática de representação estética (LINS, 1994, p.64-65).

As pesquisas de Goulemot; Masseur (1994), sobre cartas de leitores a escritores apontam para o fato de que esse tipo de carta favoreceria o expressar de estereótipos culturais.

Nesse sentido, Bosi (2008, p.9) ao discutir a estrutura e construção do “conto” afirma que

De qualquer forma a invenção já terá superado, enquanto ato estético, as posições externas, peculiares ao assunto, (urbano/rural; regional/universal; psicológico/social...). A preferência por certos assuntos e o desdém por outros não vigem na ordem da arte: provêm de um debate ideológico mal situado. E quanta bÍlis se pouparia se ficasse bem claro esse ponto: ser a favor ou contra regional, a favor ou contra universal, não faz sentido como juÍzo literário: é no fundo projeção indiscreta de ideologias grupais (BOSI, 2008, p.9).

Cruzando-se o posicionamento dos críticos literários – Antonio Candido, Álvaro Lins e Paulo Rónai – com aquele dos missivistas – Cx4cp27,38,41,47 – acerca da dialética regionalismo/universalismo observa-se que se os primeiros não desqualificam o regionalismo, o mesmo não ocorre no contexto epistolar, onde afloram questões identitárias e ideológicas, que parecem chancelar as observações de Goulemot; Masseur (1994) e Bosi.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARQUIVO João Guimarães Rosa. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) – Universidade de São Paulo (USP).

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2008.

BRITO, Lasinha. *Nossos amigos os livros*. Arq. IEB/USP, p. 43.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Florianópolis: UFSC, 2004.

GALVÃO, Walnice. *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GOULEMOT, Jean; MASSEAU, D. Naissance des lettres adressées à l'écritain. In *Écrire à l'écritain*. Paris: Textuel, 1994.

LINS, Álvaro. Uma grande estréia. In: Rosa, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SILVA, Márcia. *O rumor das cartas: um estudo de recepção de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Gregório de Matos: EDUFBA, 2006.

SILVA, Raquel. *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*. Tese (doutorado), 2009. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

---

<sup>i</sup> Maria do Rosário Abreu e SOUSA, Profa. Dra.  
Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)  
abreu.rosario@ig.com.br